

Redesenhando a memória local: educação patrimonial e ambiental nos Campos Gerais, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Fabio Martins¹

Resumo

O presente texto apresenta uma reflexão sobre o projeto "Redesenhando a memória local", o qual aborda questões de educação patrimonial e ambiental nos anos finais do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Maestro Bento Mossurunga, em Ponta Grossa, Paraná. O objetivo do projeto é despertar nos alunos e na comunidade escolar o respeito e interesse referente às problemáticas e à valorização do patrimônio cultural e ambiental que constituem parte da identidade e memória da população local. Tendo em vista a interdisciplinaridade do projeto, foram utilizadas diversas metodologias, tais como registros em diários, análises de dados e releituras a partir dos dados coletados. Como atividade final, na disciplina Artes, foi desenvolvido um mural de dez metros, localizado na entrada do colégio, contemplando imagens que refletem a junção dos dados coletados pelos alunos.

Palavras-chave

Patrimônio Cultural e Ambiental. Arte-Educação. Meio Ambiente.

1. Especialista em Educação Especial pela Faculdades Integradas do Vale do Ivaí, Paraná, Brasil; professor de Artes na rede Estadual de Ensino Fundamental e Médio do Paraná. E-mail: artesfabio@yahoo.com.br.

Redesigning the local memory: heritage and environmental education in Campos Gerais, Ponta Grossa, State of Paraná, Brazil

Fabio Martins*

Abstract

This work shows a reflection on the project entitled “Redesenhando a memória local” (Redesigning the local memory) which deals with heritage and environmental issues in the last scholar years of Elementary School in Maestro Bento Mossurunga State School, in Ponta Grossa, State of Paraná, Brazil. This project aims to motivate students and community to respect and to be interested in the issues regarding the enhancement of cultural and environmental heritage which are part of the local community identity and memory. Due to the project’s interdisciplinarity, different methodologies were used, such as journal entries, data analysis and re-reading of collected data. As a conclusion, a ten-meter mural was designed during the Art classes and placed at the entrance hall of the school, showing images that demonstrate all data collected by the students.

Keywords

Cultural and Environmental Heritage. Art-Education. Environment.

* Specialist in Special Needs Education at Vale do Ivaí Integrated Faculties, State of Paraná, Brazil; teacher at the public educational system, State of Paraná, Brazil. E-mail: artesfabio@yahoo.com.br.

Introdução

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4).

Quando falamos de Educação Patrimonial no ambiente do Colégio Estadual Maestro Bento Mossurunga, o termo faz sentido em duas perspectivas: quando alude à noção de propriedade e de bens, haja vista que, nos finais de semanas, ocorria uma série de vandalismo e depredações no Colégio; e quando o termo “patrimônio” refere-se “ao legado social, comum, que é depositário de memórias e de identidades coletivas” (CERQUEIRA, 2005, p. 92-93). Nesse sentido, muitas ideias foram surgindo para mudar esse cenário a partir da educação patrimonial, valorizando as potencialidades e o diálogo entre o colégio e a comunidade por meio do resgate de memórias, tendo em vista a valorização e a conscientização da importância do patrimônio regional (cultural e ambiental), além do patrimônio físico do colégio.

Nessa perspectiva, Cerqueira (2005, p. 92), aponta questionamentos sobre: “o lugar da educação patrimonial na formação de cidadãos e o lugar pedagógico da educação patrimonial entre as atividades curriculares e extracurriculares”. Assim, no projeto Redesenhando a Memória Local, a educação ambiental e patrimonial surgiu como forma de enfrentamento pedagógico de duas ordens: cultural e social, além de explorar novas experiências com os alunos para além da sala de aula. Jacobi (2003, p. 196) afirma que, nesse

sentido, o desafio é, pois, “o de formular uma educação ambiental que seja crítica e inovadora, em dois níveis: formal e não formal. Assim, a educação ambiental deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social”.

Mediante a problemática apresentada, o projeto foi pensado para ser desenvolvido no período de um ano, envolvendo professores de todas as disciplinas do Colégio e temáticas relacionadas à degradação ambiental, tropeirismo e valorização da comunidade por meio da transformação do espaço local.

Em relação ao termo “interdisciplinar”, Richter (2008, p. 85) descreve que “inter” vai indicar a inter-relação entre duas ou mais disciplinas, sem que nenhuma se sobressaia, “estabelecendo-se uma relação de reciprocidade e colaboração, com o desaparecimento de fronteiras entre as áreas do conhecimento”. Nesse sentido, observamos que a riqueza das informações trabalhadas nas diversas disciplinas contribuiu para que os alunos realizassem suas pesquisas com maior propriedade e detalhes de informações dos conteúdos abordados.

Metodologia

De acordo com Grunberg e Monteiro (1999, p. 4), a metodologia da educação patrimonial pode ser

aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente.

Os trabalhos realizados no período de um ano letivo foram divididos em três estágios metodológicos, que, de acordo com Grunberg (2000), dividem-se em: a) identificação de bens culturais, observação e análise (comparação; memória; extrapolação; questionamento); b) registro de bens culturais, atividades de registro da identificação (atividades de registro das percepções efetuadas); c) valorização e resgate, interpretação e comunicação do observado e registrado (interpretação e comunicação do todo percebido e registrado).

Desta feita, na primeira etapa do projeto, os alunos realizaram uma série de análises e comparações durante as aulas no colégio, o que foi primordial para a construção dos registros em variadas formas; na segunda etapa, durante as pesquisas de campo, os alunos produziram diários, desenhos, fotografias, materiais dos quais decorreu a terceira etapa, qual seja, a criação de mural, sintetizando, por meio de imagens, os conteúdos apreendidos durante o processo das pesquisas.

Ressalta-se que, antes e durante o período de investigação pelos alunos sobre a temática ambiental, como as visitas guiadas ao Parque Estadual de Vila Velha (parque geológico localizado em Ponta Grossa, Paraná), foi necessário a elaboração de roteiros de pesquisa, além do preparo e a sensibilização em sala de aula, como forma de propiciar-lhes subsídios para possíveis questionamentos das problemáticas surgidas ao longo dessas visitas.

Vila Velha: patrimônio ambiental dos Campos Gerais²

A mão do tempo e a pedra de areia / definiram formas pra imaginação, / Água da chuva caiu sobre a pedra / esculpindo arte nos Campos Gerais. / Cidade de Pedra, Lagoa Dourada, / Tesouro enterrado e assombração; / Monge andarilho, em caminho tropeiro, / causo verdadeiro! Não duvide não!

Do mundo das lendas, restaram sinais, / figura de pedra pra recordação; / o choro da pedra é o rio encantado, / murmúrio de um tempo que não volta mais (ALVES, 2015).

O Parque Estadual Vila Velha está localizado a 20 km do Colégio Estadual Maestro Bento Mossurunga e é composto de “um conjunto de formações areníticas de valor cênico, científico e ambiental, consagrado como importante polo de visitação”. O Parque é conhecido principalmente pelas suas “imponentes formações rochosas, esculpidas nos arenitos pela ação das chuvas, dos organismos e do sol” (MELO, 2007, p. 203).

Assim, com o objetivo de experienciar os conteúdos estudados em sala de aula, um dos pontos altos do projeto foram as visitas guiadas ao Parque Estadual Vila Velha, por sua riqueza ambiental. O Parque é composto por formações areníticas, furnas, lagoa, animais e uma vasta vegetação, e disponibiliza uma equipe de guias permanentes envolvidos no projeto de educação ambiental do local.

2. Campos Gerais foram originalmente definidos com uma região fitogeográfica, compreendendo os campos limpos e campos cerrados naturais situados na borda do Segundo Planalto Paranaense (MELO; MORO; GUIMARÃES, 2007).

Imagem 1 – Visita guiada com alunos ao Parque Estadual Vila Velha, Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Acervo do projeto (2016).

Nessa direção, Sauv  (2005, p. 317) descreve que a educa o ambiental

leva-nos também a explorar os estreitos vínculos existentes entre identidade, cultura e natureza, e a tomar consciência de que, por meio da natureza, reencontramos parte de nossa própria identidade humana, de nossa identidade de ser vivo entre os demais seres vivos.

Nas visitas ao Parque, foram discutidos assuntos a respeito do processo de degrada o ambiental, animais em extin o, fauna e flora local, espécies de peixes presentes na Lagoa Dourada, forma es rochosas, as furnas, além do histórico de prote o e preserva o daquele espaço. Também foram feitos registros em diários de bordo pelos alunos em meio às informa es discutidas com os guias locais.

Tropeirismo: patrimônio imaterial³

Como segundo momento do projeto, foram realizadas pesquisas acerca da temática do tropeirismo, com palestras e jogos recreativos, ministrados pelo professor Silvestre Alves,

que desenvolve um vasto trabalho educativo com músicas, jogos e literatura a respeito do tropeirismo no Paraná. Por meio de cantigas e jogos, os alunos tiveram contato com uma série de saberes, causos e lendas relacionados ao tema.

Por meio dessas atividades, os alunos puderam aprender um pouco sobre a história do caminho percorrido pelos tropeiros, chamado de Viamão, o qual ligava a cidade de Viamão, no Rio Grande do Sul (estado com grande cria o de gado e equinos)   cidade de Sorocaba, em São Paulo, onde eram comercializados os animais. Ponta Grossa, no Paraná, situava-se em meio a essa rota dos tropeiros, algo de grande importância em sua forma o cultural.

Imagem 2 – Oficinas com jogos relacionados ao tema do tropeirismo, ministradas pelo Prof. Silvestre Alves.



Fonte: Acervo do projeto (2016).

Pelegrine e Funari (2008, p. 9) afirmam que “a apreensão dos bens culturais imateriais como expressões máximas da ‘alma dos povos’ conjuga memórias e sentidos de pertencimento de indivíduos e grupos, e evidentemente

3. Patrim nio imaterial, de acordo com o IPHAN (Instituto do Patrim nio Histórico e Artístico Nacional),   considerado como “práticas, representa es, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”. Conven o da Unesco para a Salvaguarda do Patrim nio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em 1  de março de 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf>. Acesso em: 9 ago. 2016.

fortalecem os seus vínculos identitários”.

Assim, por meio de uma série de informações inseridas nos jogos a respeito das jornadas e curiosidade pertencentes ao universo dos tropeiros, podemos afirmar que a transmissão desses saberes aos alunos é significativa na medida em que eles passam a conhecer e a valorizar parte da história do município em que vivem.

Mural: redesenhando a memória local dos Campos Gerais

O projeto foi concluído, em um terceiro momento, com a construção de um mural de 10m, contendo imagens surgidas a partir das pesquisas feitas pelos alunos e reorganizadas por meio de um projeto em desenho e pintura na disciplina de Artes.

Imagem 3 – Mural na entrada do Colégio Estadual Maestro Bento Mossurunga, Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Acervo do projeto (2016).

Um dos nortes do projeto foi o documento Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) –

Arte (1997, p. 57), que, na linguagem de Artes Visuais, traz como uma de suas proposições para conteúdos gerais a “diversidade de formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional: produções, reproduções e suas histórias”. Ainda, como produto cultural e histórico, o documento aponta “o reconhecimento e a valorização social da organização de sistemas para documentação, preservação e divulgação de bens culturais” (BRASIL, 1997, p. 65).

Nessa perspectiva, durante as aulas de arte, foram trabalhados os princípios da arte ambiental, que, desde os anos de 1960, vem despertando novos olhares e questionamentos acerca das problemáticas de ordem ambiental ocorridas no mundo contemporâneo. Foram abordados também artistas contemporâneos atuantes no Brasil e engajados em questões ambientais, como Frans Krajcberg⁴, cujo trabalho denuncia, ao longo de anos, as queimadas, os desmatamentos e a exploração indevida na natureza.

Além de Krajcberg, os alunos tomaram contato com o grafiteiro Zezão⁵, cuja obra explora problemáticas sociais e ambientais urbanas, tais como violência, poluição e pobreza. Um dos destaques das ações de Zezão refere-se aos grafites nas galerias pluviais do Rio Tiete, em São Paulo, que denuncia o descaso das autoridades e da população em relação à poluição do rio.

Outro artista trabalhado nas aulas foi Vick Muniz⁶, que em seu documentário *Lixo Extraordinário* (2007-2009) discute problemas ambientais relativos ao aterro

4. Frans Krajcberg (1921) é um pintor, escultor, gravador e fotógrafo, artista plástico nascido na Polônia e naturalizado brasileiro. Disponível em: < <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=frans+krajcberg>> Acesso em: 11 de fevereiro de 2017.

5. José Augusto Amaro Capela, mais conhecido como Zezão, é um grafiteiro que, desde 1995, realiza e mantém suas obras nas galerias pluviais da cidade de São Paulo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ze%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 11 de fevereiro de 2017.

6. Vicente José de Oliveira Muniz (São Paulo SP 1961), ou mais conhecido como Vik Muniz (São Paulo, 20 de dezembro de 1961), é um artista plástico brasileiro radicado nos Estados Unidos. Faz experimentos com novas mídias e materiais. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vik_Muniz Acesso em: 11 de fevereiro de 2017.

sanitário em Gramacho, Rio de Janeiro⁷, aliado a um projeto de arte que, juntamente com os trabalhadores locais, criou uma série de imagens com materiais advindos do lixo. Todas as problemáticas estudadas a partir das aulas referenciadas nos artistas citados fizeram com que os alunos tomassem consciência das problemáticas ambientais nas diversas instâncias da sociedade e que parte desses problemas está presente em seus cotidianos.

De acordo com Meira (2011, p. 112):

a consciência política de que precisamos integrar a arte, educação e cultura nos faz perceber que também é preciso criar uma proposta que priorize as necessidades de nosso povo, que atenda primeiramente as classes populares que são a maioria do contingente que frequenta nossas escolas.

Nesse sentido, a proposta do mural surgiu como elo entre três polos: arte, educação e cultura. Assim, em meio às pesquisas realizadas, uma das discussões sobre a construção do mural referia-se às cores e ao estilo gráfico a ser utilizado na pintura, tendo em vista a

busca de uma unidade para a imagem final. As tonalidades de verde e azul foram priorizadas em razão de estabelecer uma relação com as cores da bandeira do Paraná.

O local escolhido para a pintura do mural localiza-se na lateral de entrada do colégio, e sua visualização estratégica a todos que adentram no colégio mudou consideravelmente sua visualidade. Assim, o mural possui uma grande riqueza de detalhes com informações visuais por meio de imagens que auxiliam na educação informal dos que transitam pelo local.

Durante o processo de pintura do mural, foram envolvidas as várias instâncias do Colégio: participaram alunos, professores, funcionários e integrantes da comunidade. Nesse sentido, Meira (2011, p. 108) aponta que “o fazer, os saberes, os símbolos e a interação dos indivíduos é que produzem cultura”.

Cada aluno, de certo modo, em sua singularidade, fez parte do processo de criação do mural, que se concretizou a partir de uma série de estudos pessoais aliado ao processo final do trabalho com a pintura da arte.

Imagens 4 – Processo de criação do Mural, Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Acervo do projeto (2016).

7. Jardim Gramacho é um bairro do município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Considerado o maior aterro sanitário da América Latina, foi interditado no dia 3 de junho de 2012.

Nesse sentido, Lucimar Bello Frange (2008, p. 36) afirma que:

Os tempos em que vivemos exigem investimentos e diversificações, coerências e competências sociais e epistemológicas para que cada um seja constitucional de sua “pessoalidade” coletivizada e que se conheça para que possa, nos Outros e nas Coisas, se reconhecer, quer nas similitudes, quer nas diferenças ou divergências.

Em relação ao conteúdo iconográfico pertencente ao mural, na parte baixa da pintura podemos visualizar imagens que se referem à Lagoa Dourada, composta por uma série de espécies de peixes e cardumes retratados pelos alunos. Logo acima da Lagoa, foram desenhadas três linhas representando as rochas, com suas camadas de absorção de água e seus aquíferos. Nessas linhas, percebemos, ainda, o desenho da taça, símbolo de destaque das formações areníticas no Parque Estadual de Vila Velha.

Alguns animais ganharam destaque no

painel por conta do interesse dos alunos em suas visitas de campo, entre os quais se sobressaem o lobo-guará, a onça e o veado campeiro.

A vegetação definida durante os desenhos como símbolo mais significante da identidade local foram as araucárias, presentes na simbologia da capital do estado. Por conta disso, a gralha azul também é retratada, já que seu habitat natural são as araucárias do sul do Brasil, que vem sendo reduzidas significativamente pela ação do homem. Esses pássaros são indispensáveis na disseminação das sementes da araucária, pois enterram os pinhões como forma de guardar alimento, o que gera novas mudas da espécie.

Os tropeiros aparecem em dois momentos na imagem: primeiramente, em seu momento de descanso, em que prepara seu café, que, diferente do café tradicional, não se usa o coador, somente pó, água e brasa. No segundo momento, foram retratados, ao lado e sobre suas mulas, animais resistentes usados no transporte das mercadorias pelos tropeiros.

Imagem 5 – Detalhes do Mural “Redesenhando a Memória Local dos Campos Gerais”, Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Acervo do projeto (2016).

Assim, podemos concluir que, nesse cenário, todos os participantes do projeto estiveram envolvidos como sujeitos e responsáveis pelos processos de transformação, arte, cultura e meio ambiente.

Ao adentrar e atravessar os muros do Estadual Maestro Bento Mossurunga, esses

atores dialogaram com a comunidade e familiares e resgataram parte das memórias e valores locais, favorecendo o desenvolvimento do senso de identidade e autoestima, o que resultou em uma série de mudanças, inclusive na diminuição das depredações ocorridas no Colégio, e no respeito ao meio em que vivemos.

Referências

- ALVES, S. **Corre o Rio**. Ponta Grossa, 2015, 1 CD (50 min), estéreo.
- CERQUEIRA, F. V. Patrimônio cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável. **Revista Diálogos**, v. 9, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=oj&page=article&op=view&path%5B%5D=167&path%5B%5D=pdf_147>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- FRANGE, L. B. P. Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões. In: BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 35-47.
- GRUNBERG, E. Educação patrimonial: utilização dos bens culturais como recursos educacionais. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, Ano 14, v. 14, p. 159-180, 2000. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2133>>. Acesso em 20 jan. 2017.
- JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de pesquisa**, v. 118, n. 3, p. 189-205, mar. 2003. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/cidadaniaesustobriga.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 1999. 68 p.
- MEIRA, M. R. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, A. D. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 101-120.
- MELO, M. S.; MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. **Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007. p. 221-227.
- PELEGRINI, S. de C. A.; FUNARI, P. P. A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008. 116 p. (Coleção Primeiros Passos).
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. 126 p.
- RICHTER, I. M. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 85-93.
- SAUVÉ, L. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio-ago. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27979>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

Submetido em 7 de março de 2017.

Aprovado em 17 de abril de 2017.